



## APRESENTAÇÃO

### Literatura contra a opressão de gênero

Carlos Magno Gomes<sup>1</sup>

O Gepiadde traz a público o volume 33, número 1, da **Revista Fórum Identidades**, referente ao primeiro semestre de 2021, jan-jun. Esta edição é composta por um dossiê que trata das questões de gênero na literatura e uma seção livre com textos que debatem a formação identitária no espaço da educação. No dossiê: **LITERATURA CONTRA A OPRESSÃO DE GÊNERO**, temos diversos recortes para os estudos da violência contra a mulher na literatura de autoria feminina do Brasil, México, Argentina, Goa (Índia). Entre as escritoras estudadas estão as brasileiras: Helena Parente Cunha, Patrícia Melo, Marina Colasanti, Cassandra Rios e Letícia Wierzchowski; as argentinas: Selva Almada e Elsa Drucaroff; as mexicanas: Arminé Arjona e Rosamaría Roffiel; e a goesa Vimala Devi. Suas obras são politizadas e desnudam as desigualdades de gênero e a violência contra a mulher em seus países, pois priorizam o lugar de falar de suas personagens e questionam a violência estrutural hegemônica.

Além das referências às peculiaridades estéticas de cada autora, os artigos reunidos no dossiê promovem reflexões acerca dos direitos da mulher e do desmascaramento das violências codificadas pelo sistema patriarcal. Metodologicamente, essas pesquisas são respaldadas pela crítica feminista e pelos estudos comparados que deslocam valores canônicos para priorizar o lugar de fala da escritora, levando em conta estratégias artísticas e/ou políticas de deslocamento das identidades de gênero. Cabe destacar que a base teórica feminista amplia os horizontes culturais tradicionais e revisa a literatura dessas autoras que projetam performances inovadoras para sua época.

Se no **Dossiê** estão em pauta textos literários que questionam a submissão feminina e a opressão de gênero; na **Seção livre** há um debate aprofundado sobre questões educacionais. Os artigos selecionados perpassam temas muito valiosos para uma escola inclusiva e democrática com destaque para as abordagens da educação sexual nos currículos universitários e para a formação continuada de professores do campo. Temos também um estudo com reflexões

---

<sup>1</sup> Organizador deste volume. Pesquisador da pós-graduação da UFS/CNPq. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9070-9010>. E-mail: [calmag@bol.com.br](mailto:calmag@bol.com.br).

pedagógicas sobre a interculturalidade no processo de formação de crianças angolanas. Além desses artigos, nessa parte do volume contém com um estudo sobre as questões políticas no espaço da educação, relativizando a premissa de que a educação é neutra. Finalizando o volume, encontramos um estudo etnográfico sobre a importância da autoestima das mulheres negras e pardas para a melhoria da qualidade de vida dessas brasileiras.

No dossiê sobre Literatura contra a opressão de gênero, o artigo LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA: DA MULHER ÀS MULHERES, de **Antonio de Pádua Dias da Silva**, problematiza as relações de autoria feminina e as renovações estéticas das escritoras contemporâneas. O autor parte da hipótese de que a literatura de autoria feminina do século XX reforça a noção de mulher como sujeito uniforme. No entanto, ele destaca que Helena Parente Cunha, Ivana Arruda Leite e Cida Pedrosa, nas duas últimas décadas desse século, apresentam um leque de estratégias estéticas que deslocam as identidades femininas. Tais inovações são vistas nesta pesquisa como estratégias de anti-arte, pois deixam de lado a tradição estética para priorizar a performance linguística que problematiza as identidades femininas.

No texto A VIOLÊNCIA ESTRUTURAL DOS FEMINICÍDIOS NA LITERATURA LATINO-AMERICANA, **Carlos Magno Gomes** apresenta reflexões sobre a impunidade estrutural que atravessa as representações de feminicídio nas narrativas de Marina Colasanti, Arminé Arjona e Selva Amada. Essas autoras contextualizam o feminicídio a partir das normas de gênero reguladas pelo sistema patriarcal do Brasil, México e Argentina, respectivamente. O autor destaca que as obras analisadas apresentam códigos machistas presentes no silenciamento dos feminicídios e na falta de punição para os culpados. Neste estudo, a violência está sendo vista como um código de castigo e controle do corpo da mulher conforme estudos antropológicos de Rita Laura Segato e Lia Zanotta Machado.

Logo depois, em O TRÁFICO DE POLACAS EM *EL INFIERNO PROMETIDO*, DE ELSA DRUCAROFF, **Karine Rocha** traz a público um estudo sobre a prostituição forçada no romance *El Infierno Prometido* (2006), da escritora argentina Elsa Drucaroff, que retoma aspectos morais e econômicos por trás do tráfico de judias do leste europeu entre fins do século XIX e início do XX. A análise é pautada pelo debate em torno da estética do novo romance histórico para analisar a composição de suas personagens a partir de documentos da época. Através das memórias das personagens, será possível observar o cotidiano das meninas traficadas e a recepção do problema pela comunidade judaica argentina.

Na continuidade, em A CASA GOVERNADA PELA MATRIARCA NA FICÇÃO GOESA DE VIMALA DEVI, **Denise Rocha** resgata a memória da goesa Vimala Devi, pseudônimo literário de Teresa da Piedade de Baptista

Almeida, que foi silenciada pelo cânone de Portugal. O artigo analisa a valorização do matriarcado como uma resistência feminista no conto *O Genro-Comensal* (1963), de Devi. Essa narrativa descreve uma ilustre família cristã que precisava de descendentes, mas que passa por conflitos familiares. Devi é considerada diaspórica, pois emigrou para Lisboa, aos 26 anos de idade (1958), e escreveu sua obra – lírica e narrativa – longe de sua terra natal, Goa, (Índia). Para este estudo, Rocha propõe reflexões sobre cultura híbrida, matriarcado, patriarcado e capitalismo a partir do pensamento de Homi Bhabha, Engels, Pantem, Narvaz e Koller.

Dando continuidade aos estudos da autoria feminina, em **ENTRE SEXO E GÊNERO EM HISTÓRIAS DE TRANSGÊNERO**, **Lily Martinez Evangelista** traz à tona um estudo comparado entre as obras *Georgette: Sex veste saia e calça*, de Cassandra Rios, e *¿Quieres que te lo cuente otra vez?*, de Rosamaría Roffiel. As duas autoras desafiam o modelo dicotômico de sexo/gênero ao incorporarem narrativas de transgênero que destroem as divisões homem/masculino e fêmea/feminino. Essas obras parodiam estruturas e valores tradicionais dos contos de fadas para privilegiar personagens e relacionamentos de personagens do mesmo sexo. Com essa opção, Rios e Roffiel expandem as fronteiras de gênero, bem como as identidades sexuais, redefinindo novas possibilidades identitárias corporais para suas personagens.

Logo depois, em **QUE CORPO É ESSE NA LITERATURA CONTEMPORÂNEA ESCRITA POR MULHERES?**, **Maria do Rosário A. Pereira** faz uma homenagem a reedição do livro de Elódia Xavier ao propor uma leitura transversal da tipologia do corpo. Ela explora as particularidades narrativas para articular a flexibilidade dos corpos na ficção de Lygia Fagundes Telles, Lorena Otero e Valesca de Assis. Para a obra da primeira autora, a pesquisadora explora as tênues fronteiras entre o corpo disciplinado e o imobilizado; na segunda, ela analisa a transição entre o corpo refletido e o liberado; e, por fim, na ficção da terceira, ela investiga como um corpo envelhecido se torna violento.

No bojo das discussões travadas sobre opressão feminina, o artigo **LITERATURA E HISTÓRIA EM A CASA DAS SETE MULHERES, DE LETICIA WIERZCHOWSKI**, de autoria de **Jhonatan Zati**, traz um estudo acerca do romance *A casa das sete mulheres* (2002), de Leticia Wierzchowski, que contextualiza a Revolução Farroupilha (1835-1845), dando destaque para personagens históricos como Bento Gonçalves. As mulheres dessa obra, Manuela, D. Ana, Caetana, Rosário, Maria Manuela, Mariana e Rosário, esperam seus maridos/filhos/irmãos voltarem da guerra, enquanto passam por crises pessoais que giram em torno dos seus anseios, medos e sonhos. A análise da marginalidade dessas mulheres no processo histórico é revista por meio da Crítica Feminista e pelos estudos dos historiadores sobre o discurso literário.

Na **Seção livre**, abrimos o debate sobre questões educacionais com o texto **GÊNERO E SEXUALIDADE NOS CURRÍCULOS DE PEDAGOGIA DO PARANÁ**, de **Adrielen Amancio da Silva, João Fernando de Araújo e Adriana Regina de Jesus**. Os autores propõem reflexões acerca das discussões sobre gênero e sexualidade em currículos dos cursos de graduação de pedagogia nas universidades públicas paranaenses. A partir da análise de Projetos Políticos Pedagógicos de cada universidade, esses pesquisadores formulam discussões sobre gênero e sexualidade para identificarem a omissão do debate no processo de formação de professores da educação básica. Tal constatação reforça a necessidade de serem implementadas práticas pedagógicas que contribuam para a formação de profissionais aptos a debatarem questões referentes às dinâmicas de gênero/sexo na educação de crianças.

No segundo texto de seção, em **IDENTIDADE INTERCULTURAL E AS POSSIBILIDADES DE APRENDIZAGEM EDUCACIONAL DIALÓGICA**, **Marciele Nazaré Coelho** analisa as múltiplas aprendizagens nas vivências de crianças angolanas. A autora parte de considerações acerca da identidade intercultural em suas interfaces culturais e étnicas. A proposta do artigo traz reflexões a favor da diversidade cultural, racial, étnica e de modos de viver para a formação de identidades livres e plurais. Assim, a valorização da perspectiva intercultural se projeta como uma alternativa para os processos duais, pois devemos priorizar diálogos e vivências entre crianças como subsídio para uma educação libertadora.

Em um debate sobre a educação do campo, na continuidade, em **FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES DAS ESCOLAS DO CAMPO EM SERGIPE**, **Marilene Santos e Joelma Carvalho Vilar** trazem reflexões sobre as contribuições da formação continuada para professores, de 14 municípios sergipanos, que fazem parte do projeto Escola da Terra/Sergipe, desenvolvido nos anos 2018 e 2019. As autoras partem de investigações que se apoiam na abordagem teórica histórico-cultural e utilizam como instrumento de pesquisa os relatórios desses profissionais. A pesquisa tem como norte mapear as mudanças qualitativas das práticas pedagógicas vinculadas à realidade e à dinâmica educativa das escolas multisseriadas do campo.

Ainda dentro dos debates acerca do espaço educacional, em **TEORIA BOURDIEUSIANA PARA O ESTUDO DAS DESIGUALDADES EDUCACIONAIS E SOCIAIS**, **Tatiane Kelly Pinto de Carvalho e Elaine Gonzalo Bento** questionam a premissa de que a escola é uma instituição neutra, pois acreditam que tal padrão reproduz desigualdades escolares e sociais dos sujeitos provenientes de camadas populares. Para essa constatação, as autoras exploram das discussões sociológicas de Pierre Bourdieu. Neste trabalho,

constatou-se que alguns sujeitos apresentam chances de êxito escolar reduzidas, todavia essa defasagem pode ser superada por meio de uma prática pedagógica de valorização da pluralidade das experiências desses sujeitos. Ao romper com seu *habitus* de origem, os jovens em situação desfavorável podem alcançar mais êxito na vida escolar.

Retomando os debates sobre questões étnico-raciais, temos um texto sobre a valorização da autoestima afro-brasileira. Em MULHERES NEGRAS E PARDAS E CIDADANIA, **Priscilla Tatianne Dutra** e **Guilherme Paiva de Carvalho** problematizam os efeitos da discriminação racial no (não) reconhecimento e na cidadania de um grupo de mulheres negras e pardas. Esta pesquisa é fundamentada pela análise de narrativas (auto)biográficas de um grupo de mulheres autodeclaradas negras e pardas. As reflexões estão respaldadas pelos questionamentos feministas e históricos de Lilia Schwarcz (1993), Gayatri Spivak (2010) e Nancy Fraser (2007). Com base nessa investigação, este artigo ressalta a importância de implementação de políticas públicas para o combate à discriminação racial de mulheres negras e pardas de maneira individual e coletiva.

Finalizando a Seção livre, em INTERCULTURALISMO(S) E IMIGRAÇÃO: ALGUMAS QUESTÕES A PARTIR DA EXPERIÊNCIA PORTUGUESA E ESPANHOLA, **Marcelo Alario Ennes** traz a público resultados de um estudo sobre como o interculturalismo é explorado pelas políticas públicas para imigrantes em Portugal e Espanha. Metodologicamente, o artigo parte de concepções bibliográficas para analisar documentos e entrevistas de cidadãos/imigrantes dos dois países. O interculturalismo é usado como chave analítica para compreender a diversidade cultural e os conflitos advindos do processo migratório na Península Ibérica, levando em conta aspectos econômicos.

Com os textos reunidos no Dossiê e na Seção livre deste volume, promovemos diversas reflexões acerca dos deslocamentos identitários com ênfase nas tensões que envolvem as identidades femininas e as práticas educacionais democráticas. Nas representações literárias, as autoras estudadas rompem com as identidades tradicionais ao priorizarem mulheres transgressoras que questionam as normas de gênero, sexualidade e étnico-sociais. Nas práticas pedagógicas, há uma abordagem sobre a importância de planejamento estratégico para atender as peculiaridades educacionais de cada contexto. No estudo sobre interculturalismo, a valorização das trocas de saberes entre povos. Portanto, trata-se de pesquisas que primam por configurações sociais de respeito aos direitos humanos.

No processo de seleção, avaliação e editoração, agradecemos aos colaboradores deste volume pela paciência e entendimento das particularidades destes últimos anos com restrições causadas pela pandemia e pelos cortes de recursos para as universidades públicas federais. Somos muito gratos pela parceria e por

terem escolhido nosso periódico para divulgação de suas pesquisas. Deixamos um abraço cordial pela gentileza de cederam seus textos para o repositório da **Revista Fórum Identidades**, possibilitando a divulgação prioritária de pesquisas engajadas com uma sociedade mais justa e igualitária para todos(as).

Itabaiana, 05 de abril de 2021.